

Encontro anual de  
**INICIAÇÃO**   
**CIENTÍFICA DA UNESPAR**

**JUVENTUDE, EDUCAÇÃO E SOCIABILIDADE: ESTUDO CRÍTICO DO CADERNO II:  
“JOVEM COMO SUJEITO DO ENSINO MÉDIO” DO PACTO NACIONAL PELO  
FORTALECIMENTO DO ENSINO MÉDIO NO BRASIL**

Daiane Carolina da Silva (PIBIC, Fundação Araucária)  
Unespar/Campus de Paranavaí, daiane.carolina95@gmail.com  
Prof. Dr. Renan Bandeirante de Araújo (Orientador)  
Unespar/Campus de Paranavaí, renan-araujo@uol.com.br

**RESUMO:** A discussão apresentada neste trabalho aborda os resultados da pesquisa de iniciação científica realizada a partir do estudo crítico do caderno II, elaborado para o programa do Pacto Pelo Fortalecimento do Ensino Médio no Brasil. Este caderno intitulado “Jovem como Sujeito do Ensino Médio”, traz questões candentes relativas às atuais condições das juventudes inseridas ou não nas escolas de Ensino Médio no Brasil. Ao abordar estas realidades, o caderno II procurou orientar as práticas de ensino junto aos professores da rede pública estadual. Neste sentido, através de nossa investigação, buscamos traçar o panorama da pesquisa articulando as questões que dizem respeito às interpretações sobre *juventudes*, sua relação de vivência com a escola, com o mundo do trabalho e identidades, relacionadas às formas da sociabilidade contemporânea, com o objetivo de desenvolver um estudo crítico do caderno II propriamente dito. Para alcançarmos tal objetivo, realizamos leituras de autores que discutem justamente questões relacionadas à juventude, cotidiano, educação e trabalho. Dessa forma, pudemos cotejar as teses apresentadas no caderno analisado com as diferentes interpretações dos autores da bibliografia estudada, resultando no estudo crítico do caderno II, indicando alguns dos dilemas e desafios sociais/educacionais para a Educação Básica em nossa contemporaneidade. Ao analisarmos os pressupostos definidores sobre o que é juventude que constam no caderno II, indicaremos neste trabalho, nosso posicionamento teórico em relação à definição do que é ser jovem e sua forma de inserção social no contexto contemporâneo.

Palavras-chave: Juventudes. Sociabilidade. Educação.

## **INTRODUÇÃO**

Na leitura inicial do Caderno II nos deparamos com uma série de problemáticas relativas à sociabilidade contemporânea. Neste caso, quando focamos no espaço escolar, tal qual é discutido no Caderno, temos que o cotidiano juvenil fora do ambiente de ensino, ou seja, a condução da vida no bairro onde reside, o emprego ocupado, os grupos de amigos, criam distintos modos de vida. Temos então, que a cotidianidade vivida, não só influencia na decisão desses jovens em frequentar a escola, mas quando o fazem, reverbera no ambiente escolar as diferentes formas das experiências cotidianas. Neste sentido o caderno II procurou trabalhar tais questões, abordando algumas dimensões que constituem a condição juvenil no Brasil, para que à luz destas abordagens pudessem dar pistas aos professores do ensino médio de como conhecer melhor os jovens alunos que frequentam suas escolas. Dessa forma, pretende-se que a incorporação desse conhecimento permita a aproximação das

## **Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar**

realidades destes jovens, possibilitando um ensino de qualidade conforme o objetivo das “novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, que apontam para centralidade dos jovens estudantes como sujeitos do processo educativo”. (BRASIL, Secretaria de Educação Básica. 2013. Pág.7).

Considerando os aspectos sociais supracitados, procuramos analisar as teses de autores que nos propiciaram um contraponto às abordagens apresentadas no caderno II, para que pudéssemos melhor compreender o programa Pacto do Ensino Médio e o tema juventude nele inserido. De pronto, podemos aferir que quando nos deparando com as atuais condições de reprodução social juvenil, temos que a proposta do Pacto do Ensino Médio que visa incluir as juventudes no processo de produção e reprodução social através da educação, ignora justamente o fato de que a educação encontra-se voltada para a lógica da expansão do capital.

É por isso que vale a pena resgatar a tese de SANFELICE (2013, p.135) ao afirmar que “A educação institucionalizada das sociedades capitalistas se tornou um poderoso instrumento de formação das suas juventudes. Forma-se, molda-se o cidadão para o trabalho e para o consumo” De acordo com o pressuposto anunciado por SANFELICE, a educação na sociedade do capital não objetiva, por mais que isso seja desejado pelas teses que constam no caderno II, a formação de cidadãos críticos, as saídas indicadas - em última instância -, procura educá-los para integrá-los via ocupação no mercado de emprego. Daí a razão pela qual a nossa pesquisa, focada no estudo do caderno II, se propôs a realizar um diálogo crítico da sociabilidade no tempo presente, indicando alguns dos dilemas e desafios sociais/educacionais para a Educação Básica em nossa contemporaneidade.

### **“JUVENTUDES” E SUAS DEFINIÇÕES**

O caderno II: “Jovem como sujeito do ensino médio” apresenta-nos varias abordagens sobre as condições juvenis atuais no Brasil na tentativa de desenvolver uma reflexão sobre a pluralidade juvenil existente nas escolas, auxiliando os professores para um maior conhecimento destes alunos, para que se possível, as relações entre eles sejam mais proveitosas, aceitando-os independente de sua condição. Para chegar a tal objetivo o caderno II é iniciado com apontamentos que buscam construir uma noção de juventude. Num segundo momento, aborda temas relacionados à cultura, identidades e tecnologias juvenis, depois parte para a discussão sobre projetos de vida, escola e trabalho e, por fim, traz uma reflexão sobre a formação das Juventudes, participação e escola.

Considerando as abordagens sobre juventude tal qual consta no caderno II, procuramos analisá-las respaldados pela leitura de referenciais teóricos que tratam destas mesmas questões, resultando na discussão apresentada neste relatório de pesquisa. Primeiramente analisamos as

## Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

definições de juventude tanto no caderno II como nos livros lidos, a partir daí temos que, de acordo com o caderno II a construção de uma noção de juventude “passa por reconhecer as representações produzidas sobre os jovens.” (BRASIL, 2013. p. 9). Neste caso, em consonância com a abordagem do caderno II, temos que as mídias e a disseminação do senso comum tendem a criar estereótipos sobre o que é ser jovem, prejudicando a compreensão das *juventudes* em sua pluralidade. Sobre isso, no caderno II observou-se que:

[...] a criação de imagens e preconceitos sobre os jovens. As representações sobre os jovens que circulam pelas diferentes mídias interferem na nossa maneira de compreender os jovens. [...], é muito comum que se produza uma imagem da juventude como uma transição, passagem; o jovem como um vir a ser adulto. A tendência, sob esta perspectiva, é a de enxergar a juventude pelo lado negativo. [...] (BRASIL, 2013. p.10- 11).

Este fato acaba vulgarizando comportamentos e atitudes juvenis, generalizando interpretações equivocadas. Como citado acima, os meios de comunicação de massa detém o poder de circulação de informações disseminando uma ideia distorcida do que é ser jovem, focando tão somente na tese de que a juventude é uma “passagem, transição”, uma etapa da vida, cindindo a possibilidade de compreensão do processo de formação histórico-social dos indivíduos.

A disseminação de estereótipos sobre juventude dificulta ainda mais a compreensão quando adentra as escolas:

[...]. É uma tendência na escola de não considerar o jovem como interlocutor válido na hora da tomada de decisões importantes para a instituição. Muitas vezes, ele não é chamado para emitir opiniões e interferir até mesmo nas questões que lhe dizem respeito diretamente. E isso, sem dúvida, pode ser considerado como um desestímulo à participação e ao protagonismo. [...] (BRASIL, 2013. p.10).

Esta tendência que muitas vezes entram nas escolas, compreendemos que vem da ideia generalizada pelo senso comum de que os jovens são na maioria das vezes irresponsáveis, no sentido de pensar em projetos que possam beneficiá-los dentro das escolas ou em outras situações, e/ou tomarem quais quer outra decisão importante, isso é o que dificulta o protagonismo juvenil dentro das mesmas e que acaba por excluir o jovem aluno do ensino médio de tomar iniciativas que possam melhorar o seu desenvolvimento, tanto escolar como pessoal.

O Jovem muitas vezes também é observado por meio de uma ótica voltada a alguns problemas sociais que, apesar de estarem incutidos na sociedade há muito tempo, ainda assim são relacionados

## Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

diretamente com *as juventudes*, que em alguns casos são a parcela da população onde tais problemas são acometidos, mas isso não significa dizer que são eles os responsáveis por tais problemas. O caderno II remete-nos a essa abordagem quando cita estes problemas que são:

[...] Os índices alarmantes de violência, principalmente os homicídios, o tráfico de drogas, o consumo de álcool e outras drogas, a ameaça da AIDS e a gravidez na adolescência são fenômenos que contribuem para cristalizar a imagem da juventude como um tempo de vida problemático. [...] É preciso cuidar para não transformar a juventude em idade problemática, confundindo-a com os problemas que possam lhe afligir. [...] (BRASIL, 2013. p.11).

Generalizar a situação levantando tais problemas como características principais dos jovens, como a mentalidade do senso comum pode levar, é um risco grave que pode acontecer, prejudicando a visão sobre a juventude e, interferindo principalmente nas relações que os jovens têm com os adultos, e até mesmo com a escola. Enfatizar tais questões é importante, pois ao passo que entendemos mais sobre os jovens, entendemos que a juventude não é única, ela é plural, por isso utilizamos o termo *Juventudes*, sendo que em cada período histórico e a partir dos contextos sociais por elas vivenciados, temos distintas formas de representações juvenis, caracterizadas pela pluralidade, e não pela unicidade do conjunto. O caderno II aborda esta temática.

[...] Na realidade, não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeitos que a experimentam e a sentem, segundo determinado contexto sociocultural em que se inserem e, assim, elaboram determinados modos de ser jovem. É nesse sentido que enfatizamos a noção de *juventudes*, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existente. (BRASIL, 2013. p.15-16).

O termo *Juventudes* também é adotado por SANFELICE (2013) quando explica:

[...] que a juventude não se constitui por uma identidade universal própria. Há, pelo mundo, muitas e distintas *juventudes*. Os jovens, na verdade, constituem diferentes *juventudes*. Os Jovens encontram sua identidade, ou não no grupo social que habitam. Ser jovem, portanto, é partilhar de uma convenção universal de critério étário e comportamental, porém dentro de uma singularidade limitada. [...]. (SANFELICE, 2013. p.133-134).

Entender que as *juventudes* não são singulares não é algo tão difícil, principalmente quando relacionamos as culturas distintas dos países que influenciam nos meios juvenis, seja na vestimenta, comunicação, projetos de vida e etc. E não apenas de países, mas até mesmo de uma única região, pois

## **Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar**

quando distintos por condições sociais, vemos juventudes muito diferentes, “há movimento da juventude das periferias dos centros urbanos, da juventude das classes médias, da juventude burguesa e da juventude de culturas diferenciadas.” (SANFELICE, 2013.p.134).

Uma importante reflexão direcionada na compreensão das *juventudes* se dá no critério etário, pois a medida em que a caracterização juvenil é analisada pelas idades, em determinados casos é algo insuficiente, pois também nas mais diversas regiões são caracterizadas de formas distintas, seja em países ou culturas diferentes, por exemplo:

Em algumas culturas, alguém aos treze anos pode ser considerado um adulto e não mais um jovem. Já dentre as classes abastadas de hoje, alguém aos trinta ou quarenta anos pode ser considerado um membro da juventude. (SANFELICE, 2013, p. 134).

O critério de Idade é importante quando diz respeito a alguns aspectos, dentre eles podemos citar “[...] sua [...] importância para as políticas públicas, notadamente quando se pensa em contagem de população, definição de políticas e recursos orçamentários. [...]”. (BRASIL, 2013.p.15-16). Um exemplo sobre a delimitação por idade atribuída à políticas públicas, é a Lei 12.852 aprovada em 05/08/2013 que visa garantir alguns direitos os jovens, a lei se aplica para a parcela da população brasileira de 15 á 29 anos. Esta lei:

Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas da juventude e o sistema nacional da juventude – SINAJUVE. [...] Para os efeitos desta lei, são considerados jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade. (ESTATUTO DA JUVENTUDE, Brasília, 2013.).

Uma definição sobre a juventude que vai além dos critérios etários é a afirmação de que ela é uma categoria social, ou seja, são nos distintos meios sociais, que as atribuições dadas aos jovens vão ganhar contornos diferentes em contextos históricos, sociais e culturais distintos. (BRASIL, 2013.p. 13). O GROPPPO (2000), afirma que ao ser definida como uma categoria social, a juventude torna-se uma representação, ou criação simbólica construída pelos próprios jovens e pelos grupos sociais significando uma série de comportamentos e ações atribuídos a eles, na medida em que é uma situação vivenciada em comum por certos indivíduos. (GROPPPO, 2000. p. 7-8).

Assim, entendemos que a juventude não é uma categoria consolidada, mas um momento da vida onde os indivíduos que a vivenciam, tem diferentes modos de agir, pensar, de se relacionar, e que

## **Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar**

tem experiências diferenciadas em determinados contextos históricos, culturas, condição social etc. Enfim, não há como definir a juventude como algo padrão ela é plural, elas são *Juventudes*.

### **JOVENS E A COTIDIANIDADE**

De acordo com HELLER (2008) “a vida cotidiana é a vida do homem inteiro [...]. São partes [...] da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso [...]” (HELLER, 2008.p.31). Com esta afirmação de Heller temos que o cotidiano nada mais é do que nosso dia a dia, o conjunto das atividades diárias que caracterizam a forma de reprodução social do homem. O cotidiano dos jovens é marcado por atividades e por inúmeras informações que de alguma maneira contribuem para a formação de suas identidades. O caderno II apresenta-nos a cotidianidade dos jovens indicando que uma característica do segmento juvenil atual é dada pelo uso das tecnologias intensamente introduzidas em seu cotidiano. O uso da internet, celulares, tablets, as redes sociais e etc., fazem parte do mundo jovem contemporâneo:

[...]. No Brasil, 60% das pessoas já acessaram a internet na área urbana e 22% o fizeram na área rural. [...]. Na classe A, 95% já acessaram e nas classes mais empobrecidas, D/E, somente 20% o fizeram. [...] 68% dos jovens entre os 16 e 24 anos acessam a internet diariamente. Em relação ao uso, 94% usam a internet para se comunicar, 85% como atividade de lazer, enquanto 65% entram na internet com fins educacionais. [...] segundo a pesquisa TIC 2012, o uso do celular nos três meses anteriores a pesquisa foi de 87% na área urbana e 67% na área rural. Entre os jovens de 16 e 24 anos, 92% usaram celular nos últimos 3 meses. (BRASIL,2013. p.23).

Temos que o uso crescente das tecnologias pelos jovens se dá para os mais diversos fins, seja para o lazer, o estudo, mas principalmente para se comunicar por meio das redes sociais. Da mesma forma, com base nesses dados, podemos aferir que a grande maioria dos jovens utilizam as tecnologias em seu cotidiano ainda que seu uso seja disforme, dependendo da classe social a qual pertencem as juventudes. Isso mostra uma diferença na cotidianidade desses jovens de classes distintas, demonstrando que a “vivência e experiência da cotidianidade também é diferenciável segundo os grupos ou classes sociais a que os indivíduos pertencem e em cada modelo societário existente.” (CARVALHO e NETTO, 2007. p. 24).

Com o uso das tecnologias os jovens desenvolvem características únicas de quem as utiliza, por exemplo, a linguagem na internet por meio de conversas onde são utilizados símbolos e códigos para expressarem suas palavras, sentimentos e etc., isso é incorporado ao cotidiano dos jovens, saindo das redes para impregnar-se nas relações fora dela, influenciando em suas atitudes e comportamentos dentro das escolas. No caderno II enfatiza-se que dentro das salas de aula muitos alunos utilizam tais

## Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

tecnologias e os professores nem sempre estão familiarizados com elas, culminando na perda da centralidade docente no processo de ensino. Uma solução para isso seria, ao invés de tentar retirar a tecnologia dos alunos, utilizá-las como mais uma ferramenta de ensino a favor do jovem, orientando o mesmo para que faça o uso correto dessas ferramentas evitando criar dependência (BRASIL, 2013).

Ao depararmos com tais conjunturas relacionadas ao cotidiano das juventudes observamos que o uso das tecnologias, característico na cotidianidade dos jovens como apontou o caderno II, remete-nos à tese apresentada por CARVALHO e NETTO, (2007), ao afirmarem que “para a reprodução capitalista de bens de consumo, também o cotidiano é um centro de atenção, uma base de rentabilidade econômica inesgotável.” (CARVALHO e NETTO, 2007.p.18).

De acordo com essa tese, sendo o cotidiano um centro de atenções ao qual o sistema de reprodução capitalista lança seus olhares, temos que a disseminação do uso de tecnologias é também uma maneira de “garantir” a sociedade e principalmente ao jovem, um *status* e um sentimento de pertença ao grupo que as utiliza, mas ao mesmo tempo, garante a reprodução do capital ao inserir por meio de técnicas publicitárias e etc., o estímulo ao consumo destas tecnologias, pois de acordo com os dados do caderno II, mesmo não sendo a internet utilizada com maior frequência por jovens de classes pobres, observamos que estes ainda têm os aparelhos eletrônicos, o celular, permitindo, por exemplo, que as:

Técnicas publicitárias, as mais sofisticadas introduzem na vida cotidiana o fabuloso progresso das máquinas e utensílios domésticos, capazes de transformar radicalmente a paisagem da vida cotidiana, seja dos ricos, seja dos pobres. Através dos meios de comunicação, tais máquinas e utensílios [...] se apresentam como sedução permanente ao prático, ao pragmático, ao mágico, ilusório. Consumi-los tornou-se imperativo da era tecnológica moderna e condicionante ao chamado homem atual. (CARVALHO e NETTO, 2007.p.18).

Se o cotidiano dos jovens está imerso em tecnologias, não faltam “apelos” do sistema capitalista e do mercado de consumo para a reprodução destes bens. Estes “apelos” capazes de seduzi-los iludem a maioria dos jovens que ficam tão mergulhados nestes meios pensando estarem modernizando-se sem se dar conta da contribuição que estão dando ao ciclo reprodutivo capitalista, aliás, é comum relatos de jovens que dizem não viver sem essas tecnologias. O caderno II lembra-nos deste aspecto quando cita a fala de jovens que afirmam tal teoria, ao dizerem que “quem não as usa (as tecnologias) é como um peixe fora da água, ou que não seria possível, paquerar, estudar e etc. sem a internet” (Brasil, 2013. p. 24).

No Caderno II, ao mesmo tempo em que aponta para a falta de intimidade de alguns professores com as tecnologias, fonte geradora de conflitos dentro das salas de aula, indica que a

## **Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar**

alternativa seria trazê-las para dentro do cotidiano escolar, contribuindo para a melhoria do desempenho. Todavia, cabe reiterar a afirmação crítica de CARVALHO e NETTO (2007) ao dizer que “vida cotidiana é, para o Estado e para as forças capitalistas, fonte de exploração e espaço a ser controlado, organizado e programado”, esta afirmação reforça que a vida cotidiana é um espaço modelado pelo Estado e pela reprodução capitalista para criar um homem robô, que seja capaz de consumir sem maior contestação os produtos que lhe são impostos pelo mercado. Deste modo a introdução das tecnologias dentro do cotidiano escolar, com a proposta de contribuir com processo de aprendizagem, mascara os reais interesses do capital, que é o consumo delas.

### **JUVENTUDE E EDUCAÇÃO**

Sobre a relação Juventude e educação, é importante destacar que para a formação dos jovens é indispensável uma educação, e uma escola de qualidade, o Pacto do Ensino Médio tem a proposta de valorizar a atuação dos professores do ensino médio, e analisar o currículo do ensino médio, para a melhoria do mesmo. O Caderno II que aborda “o jovem como sujeito do ensino médio” tem o objetivo de levar os professores a compreendê-los melhor, compreender as juventudes que habitam a sua escola, partindo do pressuposto que para “compreender é preciso conhecer” (BRASIL, 2013. Pág. 8) e a partir desse “conhecimento” desenvolver projetos, maneiras de melhorar o trabalho no ensino médio.

No Lançamento do Pacto Nacional pelo fortalecimento do Ensino Médio<sup>1</sup> em 2013, feito pelo ex-ministro da Educação Aloísio Mercadante, foi apresentada uma série de dados sobre o contexto do Ensino médio no Brasil para justificar a implantação do programa. Nos slides da apresentação do pacto<sup>2</sup> explicitada pelo ministro, mostrou-se a evoluções das matrículas ao longo de 21 anos (1991 a 2012) no ensino médio da rede publica, os índices do IDEB dos anos de 2005 a 2011, do PISA de 2000 a 2009.

Abordou-se também temas como os programas implementados com o intuito de melhorar a qualidade do ensino como financiamentos, programas de apoio ao estudante e à escola (Extensão do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) para estudantes do Ensino Médio [desde 2009], Extensão do Programa Nacional de Transporte Escolar (PNATE) para estudantes do Ensino Médio [desde 2009] etc.), programas de Formação de Professores dentre outros, além de esclarecer que a

---

<sup>1</sup> O lançamento pode ser conferido no site do Pacto do ensino médio, onde se encontra o vídeo oficial, com a fala do ex- ministro da educação Aloísio Mercadante em: <http://pactoensinomedio.mec.gov.br/>.

<sup>2</sup> Os slides com todos os dados da apresentação podem ser conferidos em: [http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/apresentacao\\_pacto\\_2013.pdf](http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/apresentacao_pacto_2013.pdf)

## **Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar**

meta a ser cumprida pelo Pacto pelo Fortalecimento do Ensino Médio, é superar as metas estabelecidas para o IDEB e PISA; Melhorar indicadores de Fluxo no Ensino Médio; Melhorar indicadores de proficiência em Português, Matemática e Ciências; Avaliação censitária do Ensino Médio com resultados por rede e município.

Ao analisar tais dados, concluímos que mesmo dizendo que o pacto tem o objetivo de valorizar os professores do ensino médio da rede pública, bem como refletir o currículo do ensino médio, muito do que se espera do ensino são números, que como no PISA são comparados com os de outros países, mas isso não mostra que o ensino é realmente de qualidade, como exemplo, o próprio PISA, avalia apenas três áreas do conhecimento: Matemática, Ciências e Leitura.

As áreas das ciências humanas não são contempladas e quando nos deparamos com a informação de que uma das metas do Pacto é melhorar os índices de proficiência em Português, Matemática e Ciências, notamos a centralização em disciplinas que não privilegiam a formação crítica dos alunos, mas apenas os conhecimentos básicos para sua reprodução no mundo do trabalho, como por exemplo, a expansão do ensino técnico que configura um avanço no número de matrículas.

Segundo os dados da apresentação do Pacto houve a ampliação da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (de 57 mil matrículas em 2008, para mais de 734 mil em 2012), o Pronatec com 5,4 milhões de matrículas (até novembro/2013) e o ensino técnico concomitante ou subsequente ao ensino médio com mais de 1,6 milhão de matrículas. Longe de afirmar que a expansão é ruim, queremos chamar a atenção para o fato de que a formação mais resumida, a exemplo dos cursos técnicos, só vem confirmar a nossa premissa de que a inclusão das juventudes pela via da educação/trabalho tem como objetivo a manutenção da reprodução capitalista, pois cria o exército de reserva patenteado pelos profissionais formados para atender as demandas no mercado de emprego, tanto na modalidade de emprego formal ou precário.

No Caderno II, é citado as Diretrizes Curriculares Nacionais Para o Ensino Médio, que:

[...] apontam para a centralidade dos jovens estudantes como sujeitos do processo educativo. No parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE, 2011) que a fundamenta, fica explícita a necessidade de uma ‘reinvenção’ da escola de tal forma a garantir o que propõe o artigo III, ou seja, “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”, e também o artigo VII, “o reconhecimento e aceitação da diversidade e da realidade concreta dos sujeitos do processo educativo, das formas de produção, dos processos de trabalho e das culturas a eles subjacentes.” (BRASIL, 2013. p.7).

## **Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar**

Enquanto a educação preocupar-se com números, “a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” dos jovens não serão contempladas, e “o reconhecimento e aceitação da diversidade e da realidade concreta dos sujeitos do processo educativo, das formas de produção, dos processos de trabalho e das culturas a eles subjacentes”, devem ser sim reconhecidos, mas jamais conformados, pois o jovem enquanto ator social tem o potencial de transformar sua realidade, seja ela qual for.

Neste balanço entendemos que a sociedade que vivemos hoje, tem muitas vezes a educação reduzida a uma lógica instrumental, entendida como educação útil para o trabalho, ou seja, incorporação de informações necessárias para a reprodução capitalista. De acordo com SANFELICE, 2013:

A educação institucionalizada das sociedades capitalistas se tornou um poderoso instrumento de formação das suas juventudes. Forma-se, molda-se o cidadão para o trabalho e para o consumo. Forma-se e molda-se o cidadão para a alienação no trabalho e para a passividade conformada nas estruturas da sociedade. (SANFELICE, 2013. Pág.135).

Tal afirmação nos leva a refletir sobre o papel que a Educação tem na formação dos jovens. Muitas vezes “[...]. A educação é chamada a resolver problemas estruturalmente gerados na desigual e contraditória relação de reprodução capitalista. [...]” (NOMA e CZERNISZ, 2010 p.201). Em nosso entendimento, tais considerações nos mostram como o processo educacional pode soar contraditório na mentalidade de muitos jovens, e como isso pode ser prejudicial a sua formação crítica, sobre isso NOMA e CZERNISZ, 2010 (apud Rummert, 2000 p.6) explicam que:

A propalada centralidade da educação “[...] encobre as reais origens dos problemas socioeconômicos, transformados, estritamente, em decorrência de fracassos, seja do sistema educacional como um todo, seja dos indivíduos, ao ingressarem na lógica de reprodução do sistema.” (NOMA. CZERNISZ. 2010 p.197).

Nesse sentido cabe a análise de uma situação conflitante disseminada pelo censo comum de que: “apenas a educação é capaz de ‘libertar’ o indivíduo, proporcionando a ele meios de melhoria de sua condição social, e que se o mesmo não conseguir inserir-se no mercado de trabalho a culpa é voltada a ele, sob a desculpa da falta de esforço e etc.”, como aponta NOMA e CZERNISZ, 2010:

A certificação de escolarização é apresentada como promessa de mudança situacional do indivíduo isolado. Essa retórica da educação como solução para o desemprego implica no não desvendamento da realidade histórico social do capitalismo. Os sujeitos são responsabilizados individualmente e os que não

## **Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar**

conseguem se inserir no mercado de trabalho são considerados os próprios culpados pelo seu infortúnio. (NOMA. CZERNISZ. 2010 p.205).

A realidade é que no mundo do trabalho não existe lugar para todos os profissionais formados. A grande jogada do sistema capitalista é elencar os problemas, sempre para que possa garantir sua própria superação, centralizar a educação como meio de garantir um alívio a condição social dos indivíduos descontentes com a mesma, principalmente dos jovens que buscam encontrar os primeiros empregos.

Assim, entendemos que mesmo a educação sendo para muitos jovens “a luz” para o caminho de suas realizações profissionais, cabe aos professores passarem a esses alunos as verdadeiras faces do mundo do trabalho, para não caírem na rede de culpabilidade socialmente disseminada. A formação crítica para esses jovens sujeitos do ensino médio, passa por um processo de verdadeiro conhecimento dessas mazelas sociais contemporâneas.

Dessa maneira, não apenas se formariam profissionais para o mercado de trabalho, mas a educação também seria um meio de formação crítica dos cidadãos, contribuindo para uma emancipação intelectual, não no sentido de não precisarem do apoio dos professores, mas sim, no sentido de não alienarem-se nas imposições do sistema de reprodução do capital.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao finalizar este trabalho concluímos pela validade desta pesquisa que, ao analisar o Caderno II “O Jovem Como sujeito do ensino médio”, cotejando as teses apresentadas com as teses dos referenciais teóricos norteadores da pesquisa, foi possível estabelecer um diálogo crítico entre as teses dos autores da bibliografia estudada e as proposições centrais que norteiam o referido caderno II.

Uma contribuição importante a ser extraída deste estudo, é o debate crítico possível de se levantar junto aos professores de ensino médio e também com os próprios alunos sobre os dilemas e desafios enfrentados pela educação básica na contemporaneidade. Trazer este diálogo para dentro das escolas, enfatizando as relações de trabalho, os conceitos de juventudes, o processo de reprodução social, as mazelas do sistema capitalista, dentre outros aspectos que abordamos na pesquisa e dialogando especialmente com os jovens, enfatizando que são o centro da realização do ensino e que com suas potencialidades, quando bem instruídos, tornam-se força transformadora em potencial, capaz de intervir positivamente sobre a cotidianidade.

### **REFERÊNCIAS**

**Encontro Anual de Iniciação Científica  
da Unespar**

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. Formação de Professores do ensino médio, etapa I **caderno II: o jovem como sujeito do ensino médio**/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; [organizadores: Paulo Carrano, Juarez Dayrell]. – Curitiba: UFPR/ Setor de Educação, 2013.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. NETTO, José Paulo. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. 7 (ed) – São Paulo, Cortez, 2007.

ESTATUTO DA JUVENTUDE, Brasília, 2013. Disponível em:

< [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm) >. Acesso em: Outubro de 2014

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro. DIFEL, 2000

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**; tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LANÇAMENTO DO PACTO NACIONAL PELO FORTALECIMENTO DO ENSINO MÉDIO. Disponível em: < <http://pactoensinomedio.mec.gov.br/> >. Acesso em: Novembro de 2014

NOMA, Amélia Kimiko. CZERNISZ, Eliane Cleide da Silva. “Trabalho Educação e sociabilidade na Transição do Século XX para o XXI: O enfoque das políticas educacionais.” In: SOUZA, José dos Santos. ARAÚJO, Renan B.(Orgs.). **Trabalho, Educação e Sociabilidade**. Maringá: Praxis: Massoni, 2010.

SANFELICE, José Luís. Breves reflexões sobre “juventude”, educação e globalização. IN: RODRIGUES, Fabiana C., NOVAES, Henrique T., BATISTA, Eraldo L. (Organizadores). **Movimentos Sociais, Trabalho Associado, e educação para além do capital**. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

SLIDES DA PRESENTAÇÃO DO PACTO. Disponível em: <[http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/apresentacao\\_pacto\\_2013.pdf](http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/apresentacao_pacto_2013.pdf)>. Acesso em: Novembro de 2014